

cavar, cavar...

C O N T O
de RODRIGUES FARIA

Lá fóra, chovia a cântaros. Tarde escura, cheia de sombras, a confundir pedras e rammas. O vento barbeava os galhos nus da figueira que dormia à porta.

Chovia a cântaros. Dentro do casebre, o velho enrolara-se na capa e viera espreitar; a terra ensopada, as ervas tenrinhas de frescas, a água a cair, a cair. Que noite se estava a pôr, que noite! Dezembro... E tudo para ali ao deus-dará... Tinha escurecido mais. No quintal, o cão ladrava ao tempo. O silvo dum comboio feriu o ar como se passasse ali perto.

Do outro lado da taipa, os suspiros desalecidos da companheira; teimava em acabar. Vida de martírios, aquela... E esquecido do frio, de novo desfilou a meada de recordações que lhe assaltavam a memória.

Escurecera mais ainda. No quarto, a respiração socegara. Lá fóra, chovia a cântaros.

Já lá iam quarenta anos—parecia que fóra ontem!—andava, então, na roda dos vinte. Comprara aquele bocado, aquela terra maldita, um ro de vezes maldita, e escolhera mulher.

Nesse tempo, a enxada era tudo para ele. O trabalho tomava-lhe as horas todas: escuro ainda, já estava a pé, no suplicio da cava. Quanta chuva naqueles ossos! Inverno em meo, no dispor do bacêlo, candeia pousada adiante do sulco que o preto da noite fazia tudo cego, trabucava té o sol sorrir a nascente. Depois metia na barriga um naco que a companheira preparara e ia arranchar p'rá Quinta do Paraíso. Lá havia sempre que fazer: cavar, cavar...

Intervalava o trabalho com duas ou três fumaças para endireitar os costados. E quando a falta de luz ensombtava os caminhos, ele punha a enxada ao ombro—que separar-se dela não podia—e vinha pelos atalhos a sonhar na cêda. No espreitar da tarde, carros de bois, atestados de pedras, desciam as ladeiras do Monte Gordo. A passarada chifreava na frescura do arvoredo.

Já em casa, absorvia-se a contemplar aquela terra que lhe dava o pão—pão amassado com suor e martírio mas que enganava a fome. Remoia as sopas de caldo de abóbora e jogava-se à deita. Não sobrava o tempo para se dedicar à companheira. De quando em vez, ela escolhia uma carícia:

—O «homem», das contigo no cemitério... O que é demais é «molesta»!

—A vida dum pobre é isto: —trabalhar enquanto há forças...

A fé no porvir aumentava de dia para dia. Labutaria té cançar o último alento. No alto do céu, não sabia bem aonde, havia um deus que lhe guiava o esforço, compensando o sofrimento. Tinha de vencer!

Os braços, quais máquinas governadas a preceito, não emperravam com o tempo. Aos poucos, abandonara a jornada das capatazes. No primeiro ano em que vendera uva chorara de alegria; tivera vontade de beijar a terra, leiva a leiva. Mais tarde comprara outra cerca. A mulher ombreava com ele no cultivo da horta. E iam rodando os meses naquela fome de trabalho, a visionar coisas futuras.

A sua distração era ver da encosta as geiras dos outros: os tons vários de castanho, os montinhos sacholados, como mamilos púberes em correnteza. Adorava, sobretudo, os terrenos da borda de água; mas quando, no inverno, o Tejo, prenhe de vida e brutidão, espreguiçava as margens em demorada languidez, abençoava os seus campos. A cheia. Tudo estragado, tudo estragado. Ele não; achegara-se ao monte. A cega-rega dos moinhos de vento, zunindo lá no pinçaro, distribuía conforto pelas vententes. Era feliz, no vagar da solidão.

Um dia, começou a preocupar-se com a velhice. Tinha galgado a sebe afim de soltar o preso e descobriu gatunagem no faval. Desceu logo, a atilhar as calças.

—Olá, vândio, isto aqui é nosso ou que é «atão»?...

O larápio era um rapazito que choramingava: o pai e a mãe eram velhos; o ordenado do irmão não chegava para tanta pobreza e ele...

Acabou por lhe rechear o saco. O pai e a mãe do petiz eram velhotes—rapavam fome. E quando ele e a mulher não pudessem mexer uma palha? Quem ganharia o seu pão? Deus, o tal deus que imaginava não sabia bem aonde, nunca lhes dera um filho.

Não dormiu nessa noite. Sim, quando as mãos desenhadas de calos ficassem imóveis ao longo da carcaça e os pés não

aventurassem passada? Que seria deles?

Devagar, devagar—era preciso dar tempo ao tempo—o rapaz afeiçoara-se à arte e já sacholava na hortinha. Sempre a crescer, rico de assento. Havia de fazê-lo um homem!

Quando fóra buscá-lo à vila, a casa do pai, la acanhado. Enfiara a farpela de luxo.

—O' compadre, eu vinha cá por mór duma coisa séria...

—Sente-se! Fale prá i...

—A modos que «tá» engasgado, ó compadre! Que raio, nós não somos «homens» um pró outro? Fale prá i...

Finalmente, desatou o discurso. Toca aqui, pega dali, ele vinha pedir-lhe o filho mais novo. O outro não deu espantos: que tinha quatro, não valia a pena gaguejar por causa daquela sem-importância.

A princípio, o rapaz mostrava-se tímido; depois, à medida que as pernas esticavam, tornou-se enérgico, trabalhador. A mulher, essa nunca pudera tolerar aquilo: encher a pandorga aos filhos dos outros!

—O pago que te der há-de ser dois coices...

Levado numa aprendizagem dura, o garoto espigava a olhos vistos. Jamais fóra à escola; em lugar do livro, erguia nas mãos o cabo da enxada. A's pinguinhas, hoje isto, amanhã aquilo, os cargos da propriedade caíam-lhe em cima, uns atrás dos outros. A ferrugem infiltrava-se nos membros do tio—nome por que conhecia o velho; só de longe a longe salpicava a terra com lágrimas de esforço. Não podia. O arcaboço quebrava-se-lhe pelos rins, as pernas que nem uns cepos, a tropeçaram em tudo.

Ralada de inquietações, a companheira depressa envelhecera; coitada, rabujava por todos os cantos que uma pessoa, quando já desce os degraus para a cova, entretém-se a sarnir. Aninhava-se à porta ou debaixo da figueira a criticar os desenhos ingénios da courela, os regos da terra, a disposição das videlras.

Foi então que o rapaz pensou em casar-se; aos domingos e outros dias à noite, desandava à cata do derriço com

as botas de lastro e a marrafa apertada.

Uma vez por outra, a silhueta do velho ficava a meo da encosta, risonha de verdes, a olhá-lo, a olhá-lo, recordando doideiras. Ele descia o monte apressado no embalo da cantoria.

Manhã a erguer-se, a luz a esfregar os olhos de sono, já revolvía o torrão; como dantes, como para de futuro, a vida era cavar, cavar... e o horário não mudava nunca: sol a sol. Porém, agora, tendo a labuta, havia uma preocupação diferente: —la, também, ter mulher... Enfiava, logo que a velha lhe falava da rapariga.

—Vê se escolhes coisa de jeito; algum pedaço de seu...

Ele encolhia os ombros; uma vez, contudo, não se reprimiu: que a rapariga não era rica, não senhora, muito pobre até, mas tinha de casar com ela. A tia barafustou:

—São umas porcas! Sabem deitar o olho...

Continuaram a discutir—o velho, piscando na cadeira, não se intrometia. Por fim, ele zangou-se e escarrou tudo: ainda sabia trabalhar, ganhar pão, sem ser ali;

—Braços rijos encontram terra para cavar seja onde for!...

E saiu, engolfando-se no luar. Então o tio, a tremer no passo excitante, veio à porta e, numa súplica, gritou-lhe o nome ao redor do casal. Só o cão respondeu, dos lados da figueira.

As púcaras do moinho, condenadas a rodar eternamente, utulavam do alto.

«Homem honrado não tem sorte» era o rífilo costumado do pai dele—deus, ou lá o que era, lhe tivesse a alma em descanso,—quando sugava o caldo à hora da janta. Vinha detrás, do princípio do mundo. Pronto, chegava a caduquice e, de qualquer maneira, sumia-se uma pessoa moída de ralacões. A ele, que já não podia com um gato pelo rabo, fugira-lhe o sobrinho. O sobrinho, ali criado desde pequeno; fóra-se embora, deixara-os para ali aos balanços do acaso. Mas havia de voltar: ia chamá-lo. Ele não podia, andava aos capacos em passo de lesma. Mandava a mulher; tinha de convencê-la ou morreriam de fome a olhar a terra, semeada de urze e carrasco. Tinha de convencê-la que ela negava-se, não queria pôr-lhe a vista em cima.

—Quem me suja não me «alimpa»! Nunca mais...

(Continua na página imediata)

O único remédio

Transcrevemos, pela sua flagrante actualidade, este artigo de Freitas Bastos, publicado num eemanário de Lisboa, em Maio de 1933.

por A. FREITAS BASTOS

«Num artigo publicado nos «Chahiers Coopératifs», escreveu Georges Valois esta frase que contém uma das observações de maior agudeza que têm sido feitas sobre a crise presente da civilização ocidental: «Os corpos já evoluíram; os espíritos estão ainda no antigo regime».

Valle a pena meditar sobre esta afirmação, procurar-lhe o significado profundo e o grau de ajustamento às circunstâncias actuais; só pela meditação se pode formar o tipo de homem que há de enfrentar e resolver os problemas que estão aí diante de nós.

Uma primeira questão levanta a frase de Valois—existe, no nosso tempo, uma diferença de grau entre a evolução das circunstâncias, digamos, materiais da sociedade e a dos espíritos? E, se essa diferença existe, é em vantagens das circunstâncias materiais? O espírito está atrasado?

Por muito que nos peze ter de responder pela afirmativa a estas perguntas, somos obrigados a fazê-lo porque é essa resposta pela afirmativa que corresponde, cremos bem, à realidade. A evolução da sociedade realiza-se constantemente em dois planos diferentes que mutuamente se condicionam e influenciam—um constituído pelo conjunto das relações sociais em que o homem e o grupo vivem; outro formado pelas representações ideais que os homens fazem dessas relações.

Primado de um, do outro plano? Longe de mim a ideia de pretender abordar esse problema; falta-me a competência para debater coisa de tamanha subtilidade. Contento-me com verificar a existência e reacções mútuas desses dois campos e notar os resultados dessas reacções.

Prende-se a isso alguma coisa de fundamental para a inteligência dos acontecimentos; ou os compreendemos e domi-

namos, ou eles nos esmagam; eis o dilema.

A humanidade segue, no seu caminho, uma evolução de sentido certo—a unificação, numa síntese que tem qualquer coisa de grandioso e belo, da potência individual e colectiva, servida por um reforçamento ao máximo da personalidade do homem, reforçamento esse que, por virtude da sua própria realização, permitirá o desaparecimento do antagonismo entre o individuo e a colectividade.

Não posso, dentro dos acanhados limites deste artigo, explicar convenientemente

esta ideia que procurei tratar algures.

Essa marcha da humanidade para a *Unidade* efectua-se porém através de contradições, só se conseguindo dar um passo novo quando se pode vencer um antagonismo.

Há períodos históricos que apresentam antagonismos violentos e são esses os períodos das grandes transformações orgânicas social. Examinemos, numa época de transformação, o estado das condições das duas naturezas que poderemos denominar objectivas e subjectivas—as primeiras correspondendo ao plano material, as

segundas ao plano espiritual, a que atraz me referi. Só quando os graus de evolução nesses dois planos são concordes, a transformação se realiza num sentido coincidente com o da evolução geral.

Se se não verifica a concordância, mal vai à sociedade. O povo alemão pode dizer-nos alguma coisa a esse respeito—o primeiro palhaço que lhe passou à beira fê-lo torcer caminho e lançou-o num fôso de que se não sabe ainda quando sairá, nem como.

O drama presente da civilização ocidental reside precisamente nisto: a uma evolução rápida, de ritmo catastrófico, no plano material, não correspondeu uma evolução convenientemente ajustada no plano espiritual.

Essa disparidade gerou um estado de desnorreamento em que os homens, agarrados a ideias fantasmas do passado, não sentem a realidade do seu tempo e procuram um acomodamento impossível entre essas fantasmas e o mundo real.

Qual o remédio para esta situação? Parece-me que há só um—que cada um se purifique pelo pensamento autónomo e se erie a si mesmo uma personalidade, para que se possa formar uma colectividade de indivíduos fortes, colectividade que saiba, em cada momento, o que lhe convém e como realizá-lo.

Passou a época dos Messias e, quer queiram quer não, também a dos rebanhos. E' preciso que os pastores se convençam disso e deem fora o cajado. E que se convençam ainda de outra coisa—de que, se o não fizerem de vontade, virão a fazê-lo sem ela e de que o futuro só terá para eles dois destinos: uma página negra na história ou um lugar no museu dos jacarés empalhados.

Passou a época dos Messias e, quer queiram quer não, também a dos rebanhos. E' preciso que os pastores se convençam disso e deem fora o cajado. E que se convençam ainda de outra coisa—de que, se o não fizerem de vontade, virão a fazê-lo sem ela e de que o futuro só terá para eles dois destinos: uma página negra na história ou um lugar no museu dos jacarés empalhados.

Cobrança

Avisamos os estimados assinantes que não puderam pagar os seus recibos da presente série, quando lhes foram enviados em Julho pp., que vão ser de novo distribuídos para a cobrança respectiva.

Pedimos a maior solicitude no seu pagamento.